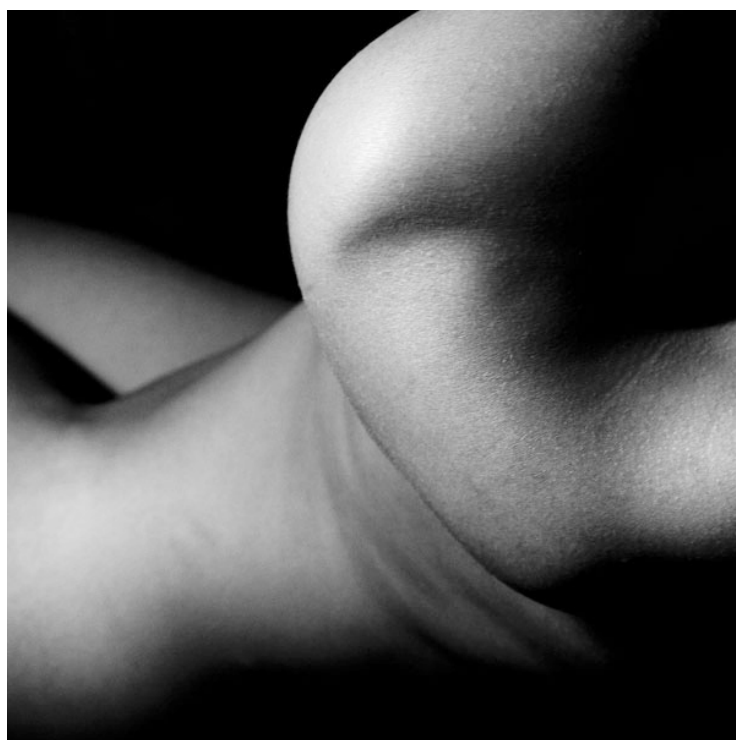


COYO REVELADO

FOTOGRAFIAS DE MARINA SILVA





UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO

MARINA FERREIRA E SILVA

CORPO REVELADO

Ensaio fotográfico sobre o corpo
a partir de Weston e Mapplethorp

SALVADOR - BAHIA

2006

MARINA FERREIRA E SILVA

CORPO REVELADO:
ENSAIO FOTOGRÁFICO SOBRE O CORPO A PARTIR DE
WESTON E MAPPLETHORP

Memória do trabalho de conclusão do curso de
Graduação em Comunicação Social/Jornalismo,
Faculdade de Comunicação, Universidade
Federal da Bahia.

Orientador: Prof. José Mamede

SALVADOR - BAHIA

2006

Silva, Marina Ferreira de

Corpo revelado: ensaio fotográfico sobre o corpo a partir de
Weston e Mapplethorp. - Salvador: M. F. Silva., 2006.
50 folhas.

Orientador: Prof. Dr. José Mamede.

Trabalho de Conclusão de Curso-TCC (graduação) — Universidade Federal da Bahia -
Faculdade de Comunicação, 2006.

1. Fotografia. 2. Fotografia artística. I. Universidade Federal da Bahia. Faculdade
de Comunicação. II. Mamede, José. III. Título.

CDU: 77.04

AGRADECIMENTOS

Corpo Revelado contou com o apoio de muitos amigos. Ao longo da realização deste projeto, o número de pessoas com quem interagi cresceu tanto que se tornou impossível citar a todos que trouxeram seu apoio sem correr o risco de esquecer alguém. Colegas de graduação, pessoal técnico-administrativo e docentes da Faculdade de Comunicação da Ufba tiveram sua parcela de contribuição, discutindo, criticando, incentivando, enfim, trabalhando para que chegássemos a este ponto final.

De modo especial, quero destacar aqueles que, junto comigo, criaram as condições materiais e espirituais que tornaram possível o trabalho. Professor José Mamede, cuja tranqüila orientação colaborou decisivamente para o fluir de minhas idéias; o fotógrafo Mário Cravo Neto, que compartilhando imagens me fez ver ângulos insuspeitos do trabalho, ampliando horizontes; Justino Marinho, que me incentivou, ensinou e escreveu a apresentação da exposição. Os modelos do projeto: Isis Oliveira, Jorge Santos, Líria Morays, Nill Santos, Clóvis Soares e Cláudio Machado. Os amigos Tereza Oliveira, Wendell Silva e Iami Rebouças, que me ajudaram a encontrar modelos; Josete Oliveira, Regina Billota, Heitor Reis e Vera Miranda, que apoiaram na busca por pauta em galerias; Bruno Serravalle (meu primeiro modelo), Alice Vargas (designer), Marcinho (release), Darino Senna, Alexandre Lyrio e Marcos Casé (imprensa), José Archimimo (apoio), Nanna Pôssa e Ihumara Pizzani, que fizeram favores incríveis e participaram ativamente do processo de produção da exposição. Os amigos do trabalho, especialmente Sílvia Dantas, Débora Lima e a equipe do Labfoto da Faculdade de Comunicação, que me apoiaram nesses meses de realização do projeto. Agradeço aos amigos e família, que estiveram presentes a todo momento, prestando apoio, incentivando e caminhando comigo.

Um simples sorriso nos dá força no momento em que parecemos não ter mais energia para continuar.

Muito obrigada.

“Estou buscando o inesperado. Estou procurando coisas que eu nunca tenha visto antes”
Robert Mapplethorpe

“As fotografias de Marina Silva possuem uma espécie de mistério revelado que nos aproxima de coisas que normalmente não estamos acostumados a vivenciar. Suas fotografias de corpos não são essencialmente humanos embora estes sirvam como modelos - o que temos aqui são relevos apropriados de um corpo efêmero, onde brota um novo personagem.

Gostaria de antecipar que a sensibilidade visual da jovem artista, é uma espécie de "gift" que pertence a poucos e ao mesmo tempo é parte de um universo maior - a família dos artistas - aqueles que por vezes oferecem aos outros indivíduos uma forma inusitada de expressão.”

Mario Cravo Neto

RESUMO

Este trabalho é a memória descritiva do ensaio fotográfico *Corpo Revelado*, cujo foco é a exploração da linguagem fotográfica no registro do corpo humano em composições criativas. O trabalho faz parte do projeto experimental de conclusão do curso de graduação em Comunicação Social/ Jornalismo.

O enfoque dado ao assunto se prende na questão estético-artística, trabalhando o corpo nu como matéria fotográfica, dotada de atributos táteis, cor, volume e luz. O corpo é explorado em seus detalhes, sob um olhar diferenciado, de forma a criar novas possibilidades plásticas e perspectivas nas formas apresentadas no cotidiano. O ensaio é influenciado pelos trabalhos de Edward Weston e Robert Mapplethorpe, dois emblemáticos fotógrafos norte-americanos, e tem por objetivo captar imagens através de um olhar que busca novas perspectivas para revelar possibilidades plásticas das formas humanas diferentes das usuais.

SUMÁRIO

1. O COMEÇO - APRESENTAÇÃO	9
2. O MEIO - FOTOGRAFIA	11
3. O FIM - ENSAIO FOTOGRÁFICO	15
4. FOTÓGRAFOS: ROBERT MAPPLETHORPE E EDWARD WESTON	17
5. CORPO	23
6. EXECUÇÃO	26
7. EXPOSIÇÃO	30
8. CONCLUSÃO	32
9. ORÇAMENTO	33
10. REFERÊNCIAS	34
11. BIBLIOGRAFIA	36
12. ANEXOS:	37
12.1. SOBRE MARIO CRAVO NETO	37
12.2. TEXTO DE MARIO CRAVO NETO	38
12.3. TEXTO DE APRESENTAÇÃO	39
12.4. CONVITE IMPRESSO	40
12.5. POSTAL E LOGOMARCA DA EXPOSIÇÃO	41
12.6. CONVITE VIRTUAL	42
12.7. CARTAZ	43
12.8. RELAÇÃO DE ESPAÇOS VISITADOS À PROCURA DE PAUTA	44
12.9. RELEASE PRINCIPAL	45
12.10. MÍDIA	46

O COMEÇO - APRESENTAÇÃO

Durante uma viagem ao sul da Bahia, fui apresentada a uma velha Pentax. Era o ano de 1999 e a primeira vez que segurava uma máquina fotográfica totalmente manual. Resolvi arriscar e brincar com a câmera. Da brincadeira com as amigas, resultaram algumas fotos interessantes para uma leiga no assunto. Foi aí que descobri a magia da fotografia: a possibilidade de ver uma única coisa e poder mostrá-la de diversas formas. Esse foi o começo da história.

Tempos depois, na Faculdade de Comunicação, meu interesse pela fotografia ganhou outras dimensões. Cursei disciplinas da área de imagem: Oficina de Comunicação Audiovisual, Iniciação à Fotografia, Direção, Roteiro, além do estágio em Edição de Imagem na *TV UFBA*. A descoberta de que a fotografia poderia adquirir dimensões profissionais na minha vida surgiu quando percebi que, em todas essas matérias, a minha atenção se centrava no olhar fotográfico e na direção fotográfica da cena.

Na Facom conheci várias pessoas que já trabalhavam ou estudavam fotografia. A aproximação com essas pessoas fez com que passasse a considerar as imagens que produzia como expressão da minha visão de mundo.

Em 2005, o Laboratório de Fotografia da faculdade foi reativado com o retorno do professor José Mamede. A chance de aprender a clicar de modo mais consciente me fez assistir as aulas do módulo de Fotografia da disciplina Oficina de Comunicação Audiovisual como aluna ouvinte. As aulas me encantaram e a paixão pela fotografia como forma de expressão ressurgiu.

No mesmo semestre, entrei para o grupo de monitores do Labfoto. Como monitores, começamos fazendo atendimento aos alunos da COM112, ajudando nos processos de revelação e ampliação. Daí, partimos para a organização de mini-cursos, palestras, organização de cursos de extensão, saídas fotográficas e atendimento a demandas de trabalhos fotográficos externos.

É consequência dessa história a minha proposta de realização do ensaio fotográfico *Corpo Revelado* como produto do trabalho de conclusão de curso. Poderia justificar a escolha da fotografia como forma de trabalho de graduação pelo seu potencial de sensibilização e por acreditar que o olhar, a imagem, enfim, os sentidos funcionam também como fonte de conhecimento. Através da imagem construímos

conceitos sobre coisas que nunca presenciamos, conhecemos novas culturas, histórias, povos. Imaginamos, criamos, comunicamos. Mas justifico, também, a escolha de um ensaio fotográfico por considerar a feitura deste trabalho uma realização pessoal.

O MEIO - FOTOGRAFIA

A fotografia é, ainda hoje o meio de comunicação visual mais ubíquo na sociedade por ser eficaz para o registro, publicidade, arte e para o prazer pessoal. A fotografia não é somente uma ferramenta de comunicação visual, ela se tornou um símbolo de democratização da utilização dos meios, pois cada vez mais gente registra acontecimentos familiares ou exprime reações pessoais face ao mundo que a circunda.

Importante no jornalismo, na publicidade, na moda, no design gráfico, o registro fotográfico ganha espaço em diversos setores da sociedade. Está ligada à arquitetura, às artes plásticas, à arqueologia, à astronomia, à investigação científica. Impõe-se, também, como uma importante manifestação da poética visual contemporânea, porque a popularização da câmara fotográfica modificou a nossa maneira de ver e registrar o mundo.

Fotografar é um modo de questionar a imagem anteriormente percebida. O assunto da imagem registrada fotograficamente possibilita diversas interpretações visuais, antes não notadas. A infinidade de possibilidades plásticas e gráficas capturadas pela câmara provoca dúvidas, gera questionamentos e sugere soluções. De acordo com Gomes (1996), a imagem fotográfica, ao registrar a experiência, pode provocar novas percepções, produzir a subjetividade inerente ao ato de olhar, e imortalizar o fato e o espaço captados, contextualizando-os.

A fotografia pode ser definida, enquanto elemento visual, como uma forma gráfica de impressões e expressões artísticas, científicas e tecnológicas, cuja interação desses segmentos resulta em um registro visual, dotado de múltiplas formas de relações informativas e interpretativas.

Além de se definir como linguagem de criatividade visual em diversas formas de expressão artística, a fotografia é uma maneira de ver, descobrir e questionar o mundo, ou, de acordo com Gomes (1996), a fotografia é uma forma de expressão.

O caráter plural da fotografia, entretanto, abre espaço para uma série de interpretações teóricas:

Além do discurso estético, que, no mundo da fotografia tende a privilegiar qualquer manifestação de caráter criativo [...], a semiologia permitiu tomar em consideração a imagem fotográfica como mensagem [...]. Mas, tal como qualquer outra forma de arte e de literatura, como qualquer texto, a imagem fotográfica só existe plenamente se for fruída por um leitor que lhe dê interpretação e,

nesse sentido, opere ativamente uma espécie de reescrita, de recriação (Bauret, 2000, p.11).

Poderíamos dizer, portanto, que o registro fotográfico é uma verdade com autoria, onde o autor tenta transmitir seu conceito sobre aquele objeto. Mas, ao mesmo tempo, depende do espectador, da sua percepção e concepção crítica visual. A fotografia aciona tudo isso. Ela nos reporta a algo que queremos ver ou não, tudo é relativo às intenções do autor e à compreensão do espectador. A importância maior está no fato deste espectador poder interpretar detalhes livremente.

O caráter subjetivo da fotografia não pode ser desprezado. A imagem registrada apreende o real. A representação dessa imagem, entretanto, é um ponto de vista do seu autor no momento do registro. Pode-se dizer, portanto, que a fotografia não é uma produção de imagens inocente ou casual. O instantâneo não é “uma simples reprodução da ‘natureza’, do mundo que nos rodeia, mas antes uma linguagem relativamente estruturada nas suas formas e significados” (Bauret, 2000, p.10). Portanto, considerado tanto como obra de arte como registro documental da atualidade, a noção de autor não pode ser desconsiderada no âmbito do registro fotográfico.

Em *O ato fotográfico*, Dubois (1994) considera a fotografia como um espaço de subtração do mundo, a extração de um espaço já preenchido de um contínuo, que deve ser capturado pelo fotógrafo.

Em outras palavras, bem aquém de qualquer intenção ou de qualquer efeito de composição, em primeiro lugar o fotógrafo sempre recorta, separa, inicia o visível. Cada objetivo, cada tomada é inelutavelmente uma machadada (golpe de machado) que retém um plano do real e exclui, rejeita, renega a ambivalência [...]. Sem sombra de dúvida, toda a violência (e a predação) do ato fotográfico procede essencialmente desse gesto de cut. Ele é irremediável. É ele e só ele que determina a imagem, toda a imagem, a imagem como um todo.” (Dubois, 1994, p. 178)

Portanto, sendo o ato fotográfico um corte, um espaço sempre necessariamente parcial do infinito referencial, ele implica constitutivamente um resto ou o espaço ‘*off*’, como nomeia Dubois (1994). Segundo o autor, essa parte que não foi retida no momento do clique, apesar de estar ausente no campo da representação, marca a sua presença através da relação de contigüidade com o espaço recortado. “Sabe-se que esse ausente está presente, mas fora de campo, sabe-se que esteve ali no momento da tomada, mas ao lado” (Dubois, 1994, p. 179-180).

Em outras palavras, o que uma fotografia não mostra é tão importante quanto o que ela revela. Mais exatamente, existe uma relação — dada como inevitável, existencial, irresistível — do fora com o dentro o que faz com que toda fotografia se leia como portadora de uma “presença

virtual”, como ligada consubstancialmente a algo que não está ali, sob nossos olhos, que foi afastado, mas que se assinala ali como excluído (Dubois, 1994, p. 179).

No momento do enquadramento, o fotógrafo afasta uma parte do mundo e torna a fotografia um pedaço de um espaço referencial sem fim. Porém toda essa referência rejeitada é de essencial importância para a experiência de uma fotografia. O recorte de um corpo humano numa fotografia, por exemplo, evoca, no mínimo, o resto do corpo excluído para a identificação da parte selecionada. Sem a presença virtual desse ser humano inteiro, e a relação de contigüidade da parte recortada com o restante descartado a sua volta, a imagem não tem sentido.

Em outras palavras, qualquer recorte fotográfico situa uma articulação entre espaço representado (o interior da imagem, o espaço de seu conteúdo, que é o plano de espaço referencial transferido para a foto) e o espaço de representação (a imagem como suporte de inscrição, o espaço do continente, que é construído arbitrariamente pelos bordos do quadro). É esta articulação entre espaço representado e espaço de representação que constitui o espaço fotográfico propriamente dito (Dubois, 1994, p.209).

Assim, as figuras do espaço representado são organizadas sempre em relação ao espaço de representação. Qualquer que seja a composição elas são inerentes ao recorte. O espaço fotográfico não é determinado.

Schaeffer (1996) retoma essa discussão através da comparação entre o espaço fotográfico e o espaço pictórico. Segundo o autor, a diferença entre os dois espaços pode ser compreendida no âmbito da função do enquadramento. Enquanto o espaço fotográfico revela uma porção do mundo formada a partir do corte, o quadro pictorial teria, ao contrário, a função de integração, não solicitando um exterior, apesar de também funcionar como um quadro-recorte.

Este último [espaço pictórico] é considerado como espaço construído, virtual e ideal. Aparece como construído porque o espectador o considera como o resultado de um ato criativo humano. Aparece como espaço virtual, porque tem apenas existência figurativa, mesmo que vise “reproduzir” um espaço real, por exemplo, uma determinada paisagem. É ideal porque não se refere a uma efetuação perceptiva particular [...], mas é considerado correlato universal da representação visual como tal. Inversamente o espaço fotográfico, mesmo quando solidamente construído, funciona como espaço registrado, traço indicial de uma porção do espaço real. (Schaeffer, 1996. p.106-107).

Um simples recorte fotográfico invoca, por presunção, o extra corte. Isso o define como parte de um total real presente no momento do clique que ficará eternamente ligado àquela fotografia posta no papel. A imagem fotográfica é, portanto,

um pedaço escolhido de uma infinidade de possibilidades do todo. “O essencial é que, ao arrancar do mundo um pedaço do espaço, o ato fotográfico faça dele um mundo novo (espaço representado), cuja organização interna se elabora a partir da própria forma gerada pelo recorte” (Dubois, 1994, p.210).

A fotografia está tão presente no nosso dia-a-dia que não nos damos conta de sua real importância na atualidade. Estampa nos jornais e revistas imagens diárias de um mundo essencialmente visual, delata crimes, promove culturas, cultos e valores. A fotografia afirma e distorce a realidade, interroga e discute. Proporciona processos criativos na busca de novos pilares do conhecimento.

A fotografia é, em síntese, uma linguagem universal, plural, sem tradução específica, constituída por uma leitura livre, sem normas e formalismos.

O FIM - ENSAIO FOTOGRÁFICO

O Projeto *Corpo Revelado* trata de uma exposição fotográfica cujo foco é o corpo humano em composições criativas. O enfoque dado ao assunto se prende na questão estético-artística, trabalhando o corpo nu como matéria fotográfica, dotada de atributos táteis, cor, volume, luz. O corpo é explorado em seus detalhes, sob um olhar diferenciado, de forma a criar novas possibilidades plásticas e perspectivas nas formas apresentadas no cotidiano.

O ensaio fotográfico em estúdio é influenciado pelos trabalhos de Edward Weston e Robert Mapplethorpe, dois fotógrafos norte-americanos do século XX, que realizaram um trabalho em estúdio com nu artístico reconhecido em todo o mundo.

O ponto fortemente explorado no trabalho é o treino do olhar e a criatividade. Uma busca constante pelo estranho, captando nuances, detalhes de corpos, valorizando as formas e relevos. O objetivo é fornecer distintas possibilidades plásticas e gráficas ao expectador, a fim de criar interpretações diversas e um novo olhar sobre o corpo humano.

Bauret (2000) subdivide o mundo da fotografia em dois campos, cujas fronteiras não são totalmente intransponíveis, mas que seguem leis diferentes: o campo da arte e da encomenda. O primeiro seria o mundo da expressão pessoal e o segundo, o mundo daquilo que poderíamos chamar de “arte aplicada”, que inclui a publicidade, a moda e a ilustração.

A proposta do ensaio é a construção de um trabalho estético, adequado ao “primeiro mundo” acima citado, no qual acreditamos que o fotógrafo pode expressar-se com maior liberdade, estando livre para criar e buscar o inesperado, utilizando a fotografia como forma de expressão.

Tentar exhibir uma linguagem fotográfica própria seria muita pretensão. Porém entendemos que cada fotógrafo interpreta as coisas do mundo de acordo com a sua formação pessoal, história de vida. Assim, o objetivo da realização do ensaio é experimentar em busca de identidade como fotógrafa, da formação de uma linguagem pessoal. Essa, entretanto, não depende só de fatores inerentes a cada indivíduo, mas também das técnicas utilizadas e de muita experimentação. Segundo o fotógrafo Pedro Vasquez, “o principal desafio do fotógrafo é fazer bem feito aquilo a que se propôs, porque, na verdade, somente com o tempo — uns dez anos — o profissional da imagem

será capaz de formar uma identidade. Ela depende de muita prática” (Senac, 2004, p. 14).

Nesse trabalho, portanto, busquei experimentar, ousar, criar, estudar e pesquisar novas técnicas que ajudem no desenvolvimento dessa identidade pessoal. O intuito não é reproduzir as fotos de Edward Weston e Robert Mapplethorpe, mas assumi-los como influências importantes para a construção do trabalho. Assim como os dois grandes fotógrafos, e muitos outros, dei uma atenção especial às formas, buscando nuances nem sempre percebidas por todos. Tentei buscar o incomum, provocar, fotografar o que me pareceu estranho, fugir do senso comum.

A forma escolhida para a apresentação do trabalho foi uma exposição. Numa exposição se cumpre o ritual de olhar, avaliar, deter a atenção nas imagens, que é um dos objetivos do trabalho. Quero estimular ‘novos olhares’ sobre o objeto através da fotografia. A idéia é criar condições básicas para que o público possa analisar e interpretar as fotos a seu gosto, criando múltiplas idéias sobre a cena.

OS FOTÓGRAFOS: ROBERT MAPPLETHORPE E EDWARD WESTON

Robert Mapplethorpe



Uma década em que a fotografia não era considerada uma arte de primeira linha. A fotografia era vista pelos críticos ‘elitistas’ como arte pouco criativa, porque esses acreditavam que ela lidava com imagens encontradas e não criadas como a pintura e a escultura. Era o ano de 1946. Em Hollis (USA), nascia Robert Mapplethorpe, o futuro fotógrafo.

O menino, que cresceu no bairro de classe média em Nova Iorque, com criação católica, não demorou muito para entrar no mundo da arte. Mas, a falta de sucesso na pintura, o fez partir para uma forma de arte que considerava mais adequada aos tempos modernos.

[A Fotografia] era o veículo perfeito, ou assim parecia, para os anos 1970 e 1980, quando tudo andava depressa. Se eu tivesse que criar alguma coisa que demorasse duas semanas para ser feita, provavelmente perderia o entusiasmo. Isso se tornaria um ato de trabalho e o amor iria embora. Com a fotografia você acerta o tiro. Concentra um bocado de energia em breves momentos e depois passa à coisa seguinte. Ela parece lhe permitir funcionar de um jeito bem contemporâneo e ainda produz o material (Morrisroe, 1996, p. 157).

Foi em janeiro de 1973 que Robert abriu a sua primeira mostra nas salas dos fundos da Light Gallery, em NY (USA). Uma multidão de todo tipo de gente conhecida dos mais variados círculos sociais compareceu à abertura para ver as suas fotografias libidinosas. Essa mistura diversificada de tipos sociais iria marcar as *vernissages* das exposições de Mapplethorpe.

O tema de suas fotografias parecia igualmente invariável ao longo dos anos: retratos, flores e fotos sexuais. Foi através dos trabalhos de nu artístico que Mapplethorpe se destacou por seus registros que chocavam a sociedade ao mostrar as genitálias muitas vezes em destaque.

Porém o trabalho de Robert ia além disso. “Estou buscando o inesperado. Estou procurando coisas que eu nunca tenha visto antes”, dizia Mapplethorpe. A frase parece ter virado uma regra no trabalho do fotógrafo. E é assim que seu trabalho é reconhecido até hoje. A busca por imagens diferentes, chocantes, atrevidas. Esculpir o corpo como esculturas humanas, utilizando a câmera como única ferramenta.



(<http://mapplethorpe.hit.bg/>)

Suas primeiras fotos foram auto-retratos. Depois produziu retratos de sua amiga, a poeta Patti Smith. A partir daí, Mapplethorpe construiu uma série de trabalhos com fotos de amigos. Durante os anos 80, as fotografias de Mapplethorpe deslocam para uma fase de ênfase na beleza formal clássica. Durante este período se concentrou nos nus masculinos e femininos e em retratos formais de artistas e celebridades.

Com a descoberta de que a suas fotos sexuais gays não teriam retorno financeiro, Robert voltou a fotografar flores. Mas isso surgiu como uma espécie de treino técnico do uso da nova iluminação que havia adquirido. Suas fotos de natureza-morta tinham a mesma força de seus retratos e continham uma carga de sua obsessão por sexo. “Muitas das flores de Mapplethorpe dão a impressão de terem perdido a virgindade, como se o próprio fotógrafo a tivesse profanado de algum jeito exótico e indizível” (Morrisroe, 1996, p. 207).



(<http://mapplethorpe.hit.bg/>)

Robert Mapplethorpe foi um dos artistas contemporâneos mais conhecidos no mundo da fotografia. Muitos de seus registros foram elogiados pela beleza das composições. Outros foram condenados pela sexualidade explícita. Nas suas fotos revelava ousadia ao mesmo tempo que demonstrava uma valorização das formas dos corpos, o meio sadomasoquista e a força das flores. Ele conseguia chocar as pessoas.

“Quando essas fotografias [Erotic Pictures] apareceram pela primeira vez houve arrepios, e em geral as pessoas viraram as costas, inclusive eu”, escreveu Ingrid Sischy no catálogo da retrospectiva de Mapplethorpe no Whitney, em 1988. “Mas ninguém que ficou sabendo alguma coisa sobre elas, ainda que somente através de rumores, esqueceu aquelas cenas (Morrisroe, 1996, p. 204-205).

Em 1988 criou a Fundação de Robert Mapplethorpe para promover a fotografia, os museus de exibição da arte fotográfica, e para financiar pesquisas médicas na luta contra a Aids, doença que ele mesmo havia adquirido um ano antes. Robert morreu meses depois, vítima da Aids.

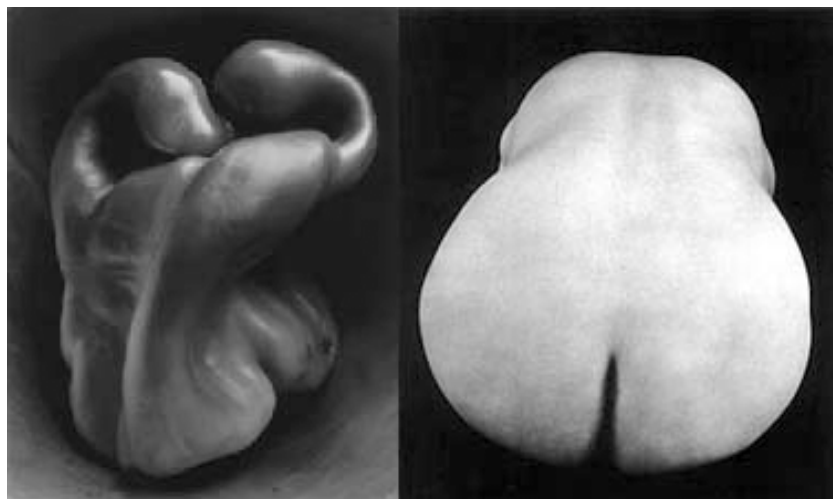
Edward Weston



Muitos anos antes, 1903, em Chicago (USA), um dos grandes mestres da fotografia do século XX, Edward Weston, iniciava seu trabalho. Aos vinte anos fez a sua primeira publicação e a partir daí não parou mais de produzir um trabalho reconhecido por todos como um dos pioneiros da ‘fotografia direta’ americana. Essa produção tem influenciado centenas de fotógrafos nos últimos 50 anos.

Nascido em Illinois em 1886, Edward ganhou de seu pai a primeira câmara fotográfica aos 16 anos. Iniciou estudos na Illinois College of Photography, mas não concluiu. Tornou-se membro fundador do Camera Pictorialists of Los Angeles e teve artigos publicados em revistas como a *American Photography*, *Photo Era* and *Photo-Miniature*. Como membro do ‘Grupo f/64’, Weston trabalhou com Ansel Adams, Imogen Cunningham, Consuelo Kanaga, entre outros.

A criatividade é a base do seu trabalho. "A lente revela mais do que o olho pode ver", afirmava Weston (Sépia, s.d.). E o seu trabalho realmente demonstrava isso. Em 1927, Weston começa a fotografar vegetais. A famosa foto do pimentão é o maior exemplo dessa série. Nos seus diversos ensaios de nu artístico e com vegetais, Weston recria as imagens, compondo, com um olhar incomum, imagens poéticas. Um simples vegetal se transforma em uma escultura de mármore. Trabalhava cuidadosamente os tons de cinza e suas fotos variavam, a depender da época, entre o foco crítico e o foco infinito, cobrindo todos os planos da fotografia.



(http://www.cotianet.com.br/photo/great/Ed_Weston_.htm)

Num primeiro período, suas fotografias eram inspiradas no pictorialismo, utilizando-se mais da lente focal difusa. Depois das fotografias industriais da Armco Steelworks, que marcam a virada em sua carreira, suas fotos passaram a ser precisas, pormenorizadas e extremamente nítidas (Camargo, 2005).

Weston produziu muitas fotografias de nus, enfatizando, muitas vezes, detalhes do corpo em composições criativas. Nesses trabalhos, o rosto e a identidade da modelo não são mostrados. Em alguns casos, somente Edward sabia a identidade da modelo que ele fotografara. Em 1922 Weston fotografou seu filho Neil nu, que, apesar de não ser exatamente um trabalho de estúdio, foi aceita como uma clássica escultura em fotografia.

Na fotografia de Edward, os tons são trabalhados cuidadosamente, a atenção do observador é centralizada sobre o modelo porque o cenário é geralmente neutro. O trabalho de Weston se baseia no jogo de luz e sombras, tempo de exposição e criatividade. Ele capta o estranho, nuances, detalhes de corpos, valorizando as formas.



(http://www.cotianet.com.br/photo/great/Ed_Weston_.htm)

(<http://www.edward-weston.com/>)

Weston começou a sentir sintomas do mal de Parkinson em 1946. Apesar de ter registrado sua última foto em 1948, Edward seguiu publicando trabalhos, como ‘Project Prints’.

Edward Weston morreu em janeiro de 1958.

Tanto Edward Weston como Robert Mapplethorpe trabalharam muito com pessoas do seu cotidiano, pessoas que fazem parte do seu ambiente doméstico. A neutralidade do cenário, focando a atenção para o objeto a ser fotografado, assim como o uso de cortes inusitados são características comuns nas obras dos fotógrafos.

Na busca por uma forte influência do jogo de luz e sombra, ambos fotógrafos clicavam verdadeiras estátuas vivas. Em alguns trabalhos, não revelavam a identidade do modelo. Apesar de Mapplethorpe ser mais ousado com trabalhos sensuais ou de sexo explícito, Weston também buscou essa sensualidade nas suas modelos, porém de forma mais sutil.

Os dois trabalharam com a natureza morta. Mas conseguiam transmitir uma magia e uma ‘vida’ aos objetos em suas fotos. A sensualidade também é uma marca registrada nesses trabalhos com flores e vegetais.

São inúmeros os grandes nomes da fotografia que já realizaram trabalhos de destaque em estúdio baseados em corpos humanos. Mas cada um desses fotógrafos citados conseguiu imprimir sua marca.

CORPO

Corpo. S. m. 1. A substância física ou a estrutura, de cada homem ou animal. 2. A parte material, animal ou a carne do ser humano, por oposição à alma, ao espírito. 3. Porção limitada de matéria. 4. Riqueza de sabor, de tom, de cor, etc. [1]

O substantivo corpo vem do latim corpus e corporis. Corpus significaria o corpo morto, o cadáver em oposição à alma ou anima. Já no antigo dicionário indo-iraniano existia ainda uma raiz em krp que indicaria forma, sem qualquer separação. Os gregos propuseram uma nomeação que chamava soma para corpo morto e demas para corpo vivo. “Nesse sentido a noção de corpo teria a ver também com o sólido, tangível, sensível e sobretudo banhado pela luz, portanto visível e com forma” (Greiner, 2005, p. 17).

Podemos dizer, portanto, o corpo é a forma, é o meio de comunicação, é a primeira mídia do homem, na medida que é através dele que o ser humano se expressa. É pelo corpo que o homem se sociabiliza e enxerga o mundo. O corpo possui formas plurais, entretanto ele também é singular (Borja, 2003).

O corpo fala, apreende e manifesta a cultura de um povo. Ele é o grande responsável por estabelecer a estética das relações com o mundo. As maneiras de o corpo aparecer, de se vestir, de se movimentar, de dispor os objetos em um espaço são o que ditam os valores sociais e culturais, os conceitos sobre o mundo (Jeudy, 2002).

Por ser o corpo humano o produto mais perfeito da natureza, a mais alta expressão que o espírito soube imprimir à matéria, é que em séculos e milênios a sua representação foi, e continua a ser, uma fonte de inspiração para as artes.

Há muito tempo, o corpo se tornou objeto técnico de manipulação, transformação e produção. Não é a toa que a discussão sobre o corpo humano está presente em diversas correntes. Também não é por acaso que ele é tomado como matéria prima para todo tipo de arte. Seja na pintura, na escultura, na música, na poesia, na fotografia ou na dança, o corpo é tema de criação.

Sendo a primeira forma de visibilidade humana, o corpo poderia ser, desde sempre, objeto de arte por excelência (Bittar, 2005). Como produtor de sinais, ele é tomado, por um ‘objeto de arte’ vivo (Jeudy, 2002). Suas formas permitem a construção

[¹] FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. 1. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975. p.387.

e captação de infinitas imagens que transmitem todo tipo de sentidos: sensualidade, beleza, terror, suspense, estranheza, alegria, compaixão etc.

No livro *O Corpo Como Objeto de Arte*, Jeudy, descreve as imagens corporais:

“As imagens corporais são múltiplas, lábeis, instáveis, incontroláveis, desestabilizam as representações convencionais do corpo, nossas referências culturais, mas podem tornar-se, por sua vez, representações estáveis. É a arte que, por sua aventura, por suas extravagâncias, pelas rupturas operadas no tempo, e no espaço, pela subversão exercida no que diz respeito aos tabus, gera um semelhante efeito de estabilidade, as mais impróprias imagens corporais, tornando-se representações estáveis, até mesmo modelos culturais de representação” (Jeudy, 2002, p. 28-29).

Apesar de servir como inspiração para as mais diversas artes há séculos, o corpo parece manter um mistério em si que jamais será descoberto. Essa característica estimula a busca pela descoberta desse enigma e a criação de novas representações, visto que as imagens corporais são inesgotáveis e que a capacidade humana de criação também não tem fim. Assim, podemos dizer que as imagens corporais são construídas a partir de um sem número de estereótipos, com múltiplas formas e relevos, subjugados às nossas diferentes interpretações.

Com um clique, o fotógrafo capta ângulos, formas, volumes e um jogo de luz que dão um novo sentido ao corpo. Com um jogo de composição abstrata ou figurativa, eternizam a mobilidade das imagens corporais efêmeras. E desse turbilhão de formas, nascem novos desenhos. “Diz-se, também, que o corpo existe em imagem de si mesmo, em uma multiplicidade inacreditável de imagens” (Jeudy, 2002, pág. 15).

A fotografia tem essa capacidade de pôr em imagens a dimensão plástica do corpo. Ela abre portas e janelas para um mundo interno do fotógrafo (Bénard, 2001). O corpo, um mistério sem fim, permite que essa viagem seja mais profunda, deixa passar aos olhos a descoberta de suas infinitas formas carnis, nas suas mais variadas texturas. É a junção desses dois elementos que possibilita, através de “tomadas de ângulos” diferenciados, fugindo ao contexto do corpo no cotidiano, voltar a atenção para os relevos do corpo que nos escapa na correria do dia-a-dia.

A fotografia produz imagens do corpo vista sob a ótica artística de sua expressividade, forma e essência como matéria. “Podemos conceber que todas as formas de representar o corpo, para nós e sob o olhar do outro, traduzem nossa maneira de ser no mundo, como se o corpo não fosse nada sem o sujeito que o habita” (Jeudy, 2002, p. 20).

Os volumes e as superfícies que o compõe, valorizam o corpo como matéria provida de formas próprias e características do ser humano. A fotografia cumpre a tarefa da busca de uma dimensão estética e não apenas da presença formal do corpo.

O corpo é sempre um mistério. Apesar dos discursos sobre ele, continua fascinante, causando estupor, petrificando. Sempre será uma inspiração para as artes.

EXECUÇÃO

Resumo das etapas

A execução do trabalho envolveu três etapas:

- 1) Pré-produção — a fase de planejamento do trabalho que abarca a realização de uma pesquisa bibliográfica sobre ensaio fotográfico em estúdio, sobre os fotógrafos Edward Weston e Robert Mapplethorpe e sobre o tema discutido no ensaio, além da pesquisa de imagens. Faz parte dessa etapa, também, a seleção de modelos para as fotos e a criação de um roteiro de trabalho;
- 2) Produção — a etapa de associação das condições existentes com as previstas na pré-produção para colocar em prática o planejamento anterior. Realização dos ensaios propriamente ditos e a estruturação da memória descritiva do trabalho. Esta fase inclui, também, uma pré-seleção do material, os ajustes necessários nas fotografias, a seleção final das fotografias e a montagem da exposição: impressão das fotos, textos, contatos finais, organização e abertura do evento;
- 3) Encerramento — a última etapa do processo prevê a conclusão da memória descritiva do trabalho e a apresentação para a banca examinadora.

Detalhamento das etapas

Após uma pesquisa inicial, baseada nas obras dos fotógrafos tomados como referência, Edward Weston e Robert Mapplethorpe, o perfil dos modelos foram definidos: pessoas magras, negras e brancas, homens e mulheres jovens entre 18 e 30 anos, apresentando músculos relativamente bem definidos. Seus corpos deveriam ter flexibilidade, resistência e equilíbrio, considerando que o trabalho exigiria do modelo grande controle corporal para permanecer em posições pouco cômodas pelo tempo necessário para o enquadramento ideal e iluminação adequada.

Definido o perfil dos modelos, seria preciso buscar pessoas que aceitassem participar deste projeto. A princípio, foi difícil encontrar quem aceitasse posar nu. A fotografia de nu artístico é um tema cercado de tabu. Esse gênero da fotografia continua distante do cotidiano da maioria das pessoas, às vezes, por preconceito, outras por insegurança. Quase nunca são discutidos os motivos dos preconceitos e as imposições do mercado a respeito deste tipo de trabalho. As revistas que expõem fotografias intituladas como ‘nu artístico’ passam uma idéia do nu como algo apelativo. A primeira

imagem que surge na cabeça das pessoas é de algo pornô. A proposta do ensaio *Corpo Revelado* era diferente e foi preciso fazer com que entendessem isso.

Acredito ter encontrado uma boa solução. Os estudantes de Dança e Teatro, além de possuírem uma certa consciência corporal, precisam de fotos para portfólio. A proposta seria fazer uma troca: o voluntário posaria para o ensaio e eu tiraria algumas fotos sugeridas por eles. O resultado das sessões seriam gravadas em um CD para que usassem em material de divulgação.

A colaboração de alguns amigos da área artística foi essencial nesse momento. Eles indicaram algumas pessoas da escola de Dança e Teatro da Ufba, e da Fundação Cultural do Estado da Bahia com o perfil que eu procurava. A partir desses primeiros contatos, alguns modelos indicavam outros amigos e a rede de voluntários foi crescendo a ponto de não conseguir atender mais a todos os candidatos.

O processo fotográfico em estúdio exige uma aproximação com o modelo, a criação de um clima de confiança muitas vezes inexistente. Durante o desenvolvimento desse ensaio sobre corpo, a necessidade dos modelos estarem completamente nus exigiu uma atmosfera de intimidade, onde o modelo se sentisse a vontade o suficiente para adquirir uma certa espontaneidade no momento do clique. Tentei superar esse desafio fazendo uma reunião com cada voluntário alguns dias antes da sessão em estúdio. Esses encontros eram geralmente individuais, com uma duração média de duas horas. A cada conversa, eram expostos o conceito, a forma do trabalho e discutidas idéias para as fotos. Esse primeiro contato foi essencial para gerar segurança no modelo e no fotógrafo, facilitando o trabalho posterior no estúdio.

Antes de iniciar a sessão no estúdio era organizada uma planilha de fotos a serem realizadas com cada modelo. Porém por ser um trabalho de busca do inusitado, muitas fotos foram ‘descobertas’ durante o desenvolvimento da sessão, numa pose não prevista. A cada posição, novas possibilidades surgiam e a iluminação era preparada para atender esse novo enquadramento. O final da sessão era reservado para as fotos de interesse do modelo, mesmo que estas fugissem do tema do ensaio *Corpo Revelado*. Assim, era realizada a troca, onde todos saíam satisfeitos com o resultado.

O equipamento utilizado para fotografar foi uma câmera Canon 20D, com cartão de memória SanDisk CompactFlash Extreme III de 1GB, lente Canon AF 28-105 mm 4-5.6 e Sigma AF 17-35 mm 2.8-4.0, dois Flash Ateck 160, refletores de luz contínua de 200W, duas sombrinhas brancas e cartolina para direcionar a luz, fundo infinito preto, fotômetro Gossen Luna-Star F e Color Meter III F Minolta.

Todas as fotografias foram feitas em formato Raw e transferidas para um HD externo portátil, de 10GB, para que o cartão pudesse ser reutilizado na mesma sessão. Esse momento de transferência da imagem era utilizado para o descanso e para que pudessemos conversar sobre o trabalho que estava sendo feito, trocar idéias, avaliar, discutir novas poses. Essa era uma forma de me aproximar ainda mais do modelo e tornar o trabalho cada vez mais produtivo.

Após cada sessão de fotos, foi realizada uma pré-seleção das imagens. Também nesse período se iniciava o tratamento das fotos que foram entregues aos modelos. Essa pré-seleção do material era primeiramente realizada por mim e depois discutida com o orientador. Nessa discussão era realizada uma segunda edição.

A edição final do material a ser exposto foi feita por Mario Cravo Neto. A idéia era ter a opinião de um conceituado fotógrafo que já havia realizado ensaios com o mesmo direcionamento: fotos em estúdio, trabalhando com o corpo em cortes diferenciados. Numa primeira conversa com o fotógrafo foram expostos o conceito, objetivo e intenções do projeto *Corpo Revelado*. Um CD contendo uma pré-seleção de 50 fotos foi enviada a Mario Cravo Neto que selecionou as 17 imagens expostas no trabalho, levando em consideração o inusitado encontrado em cada uma dessas fotos selecionadas. As outras conversas posteriores, para discutir técnicas e ampliação das fotos, ocorreram por telefone, devido à pouca disponibilidade de tempo do fotógrafo.

Apesar das fotografias terem sido feitas em digital, que inclui a cor, optei por expor as imagens em preto-e-branco. A escolha deste estilo, feita antes mesmo do primeiro clique, deve-se a uma questão estética. Diferente das fotografias em cores, que se aproximam mais da realidade, de maneira tal como se vê naturalmente, o preto-e-branco possibilita interpretações mais livres e abstratas. “[...] a fotografia preto e branco assinala hoje uma mensagem visual diferente; marca não apenas a presença do fotógrafo a uma estética, mas também a afirmação de um ponto de vista, de um pensamento, por oposição a um simples testemunho [...]” (Bauret, 2000, p.81).

A escolha justifica-se, também, pela influência dos trabalhos de Edward Weston e Robert Mapplethorpe, que na maioria das vezes trabalhavam com fotografias em preto e branco e quadradas, forma pela qual também optei em quase todas as fotos.

É preciso deixar claro que apesar das fotos quadradas terem sido recortadas na edição no Photoshop, no enquadramento original (retangular) já considerava o corte

quadrado, incluindo assim, áreas laterais que seriam excluídas posteriormente na edição. Não era possível chegar ao enquadramento final já no momento do clique porque, como já foi dito, as fotos foram feitas com máquina digital que permite apenas um corte retangular.

EXPOSIÇÃO

A apresentação do trabalho poderia ter sido de diversas formas, desde uma revista, um livro, ou até mesmo um site. A exposição fotográfica tem a vantagem de acontecer numa galeria, local onde se cumpre o rito de olhar e deter a atenção nas imagens. A própria organização do espaço físico, que envolve a iluminação, uma ambientação adequada para a apresentação de um ensaio fotográfico, favorece a observação do expectador para que ele avalie, dialogue e interprete as imagens a seu gosto. Considerando esses aspectos, ficou decidida que a forma de apresentação seria uma exposição fotográfica numa galeria da Salvador.

Nesse momento, constatei que a quantidade de espaços reservados para esse tipo de exposição ainda é muito pequeno para uma cidade como Salvador que tem uma grande produção artística. A maioria das galerias faz a seleção para cessão de pautas com um ano de antecedência, geralmente no final do ano anterior ou no início do mesmo ano. Para seleção é exigido, também, a apresentação do trabalho, ou parte dele. Esse aspecto dificulta mais ainda o processo de concorrência a pautas em galerias para um trabalho de conclusão de curso, que é realizado num período de um semestre.

Foram visitados cerca de 19 espaços culturais de Salvador. Em todos eles as pautas já estavam fechadas. Contando com o apoio de amigos e a avaliação positiva do ensaio fotográfico por parte da diretora da Galeria Solar Ferrão [2] uma pauta de uma semana foi disponibilizada para a apresentação do ensaio *Corpo Revelado*. Aceitando sugestão dos responsáveis por esta Galeria e pela diretoria do Museu de Arte Moderna da Bahia, ficou decidido que posteriormente o projeto será inscrito para uma reapresentação mais prolongada no ano de 2007, seguindo as regras de seleção de pauta dos espaços da cidade.

A exposição fotográfica, *Corpo Revelado*, reúne 17 (dezesete) fotos em preto e branco, todas elas impressas em papel fotográfico fosco Fuji, no formato 50x50 cm e 50x75 cm. As ampliações foram feitas, na empresa Fusão - Impressão Digital, em São Paulo, e enviadas por via aérea. Inicialmente o trabalho seria feito na loja Objetiva Fotofilme, em Salvador. Porém, devido à quebra de uma peça da máquina de ampliação,

[2] A galeria Solar Ferrão está situada na Rua Gregório de Mattos, nº 45, Pelourinho. A galeria fica aberta para visitação de segunda-feira a sexta-feira, das 13h às 18h e aos sábados, das 13h às 17h.

fiquei impossibilitada de fazer o serviço nessa empresa. As ampliações foram adesivadas numa placa de foamboard de 5 mm pela empresa ISO, em Salvador.

O texto de apresentação foi elaborado por Justino Marinho, crítico de arte conceituado em Salvador. Por motivos técnicos, o texto original teve que ser resumido para a fixação na galeria. A confecção da plotagem do adesivo recortado e a colagem no painel da galeria foi realizada pela equipe da Uranus2, empresa de comunicação que apoiou o evento com descontos na impressão de cartazes e convites.

Não foram usadas molduras. A opção foi feita à partir de uma discussão com Mario Cravo Neto e a diretora da Galeria Solar Ferrão, Stella Carrozzo. Acreditamos que as molduras iriam tornar as imagens fechadas em si mesmo, o que prejudicaria um dos atrativos do trabalho: o convite ao espectador para contemplar a imagem, buscar uma interpretação que não tem fim no próprio quadro, imaginar o que está fora a fim de buscar a uma completude própria do espaço fotográfico.

A divulgação do trabalho contou com o apoio de amigos que ajudaram no design do material e na distribuição de release. Todo o material gráfico, incluindo cartaz, convite impresso, convite virtual e texto para plotagem foi feito pela designer Alice Vargas. Foram produzidos 50 cartazes no tamanho A2 e 400 convites no tamanho 10x15 cm. O release é de autoria do jornalista Márcio do Vale e sua distribuição contou com o apoio dos jornalistas Darino Senna, Marcos Casé e Alexandre Lyrio. A cobertura fotográfica do evento foi feita por Wendell Silva, integrante da equipe do Labfoto da Ufba.

Os convites virtuais foram direcionados para listas pessoais e de amigos da área de arte. Já os convites impressos foram distribuídos em mãos, na sua maioria, e enviados para artistas, autoridades e mídia via correio. Os cartazes foram distribuídos em teatros, museus, galerias e outros locais de grande circulação de pessoas interessadas em arte e cultura.

Como apoio de divulgação, foi desenvolvido o blog *Corpo Revelado* (www.corporevelado.blogspot.com), que contém informações sobre a exposição, release, convite e cartaz, informações sobre os modelos, mapa do local, entre outras informações. O blog será atualizado com as fotos da abertura da exposição, além de algumas fotos do ensaio.

A abertura da exposição ocorreu no dia 22 de novembro de 2006, às 19 horas, com a realização de um coquetel que contou com cerca de 200 visitantes. A exposição ficou aberta à visitação entre os dias 22 e 29 de novembro.

CONCLUSÃO

A realização da exposição fotográfica *Corpo Revelado* foi, para mim, um grande desafio. Esse trabalho inclui não só o exercício da fotografia, mas também a produção do evento. Apesar de ter contado com o apoio de muitas pessoas para a organização do evento, participei de perto de todas as etapas: desde a viabilização do espaço, divulgação da exposição, organização do coquetel, montagem do material na galeria, até a abertura do evento.

Diversas dificuldades foram encontradas no caminho. Porém, todas elas foram muito significativas para o meu crescimento pessoal e profissional. Portanto, esse projeto também foi uma grande conquista. O objetivo foi alcançado. Considero o produto do trabalho de qualidade técnica e criativa, com uma boa receptividade por parte do público, artistas e críticos de arte. Aprendi muito, amadureci e ganhei confiança no olhar e na direção do modelo para encontrar o ângulo e a forma buscada. A intencionalidade foi aos poucos substituindo a casualidade.

Acredito ter conseguido desenvolver um projeto que conduz a uma interrogação do olhar acomodado, à provocação da surpresa e a um questionamento sobre o que nos parece tão habitual, tão familiar e tão cotidiano que não reparamos na riqueza de suas formas, nos traços de seus contornos, no volume e nos infinitos diferentes desenhos que o corpo compõe.

Devo ainda mencionar que em alguns momentos questioneei, e fui questionada, sobre a pertinência de um TCC com vertente artística no curso de Comunicação. Estou convencida de que o exercício da fotografia em si, e em particular no âmbito de uma investigação em que se relaciona as qualidades plásticas da imagem aos sentidos possíveis da interpretação de uma obra, estão no centro dos problemas contemporâneos sobre a teoria e prática dos processos comunicativos.

O ensaio *Corpo Revelado* também possibilitou o contato com diversas pessoas da área artística, incluindo fotógrafos, diretores de galerias e críticos de arte.

Este é o começo de um portfólio para futuros projetos.

ORÇAMENTO

Material	Quantidade	Total
Ampliações fotográficas	17 e testes	R\$ 865,00
Finalização: adesivamento em foamboard.	17	R\$ 266,00
Coquetel	-	R\$ 600,00
Impressão do Cartaz (apoio)	50	R\$ 84,50
Convites (apoio)	400	R\$ 100,00
Adesivo de texto	100x120 cm 60x74 cm	R\$ 177,00
Fita banana	1	R\$ 24,00
CDs	25	R\$ 22,50
Materiais diversos	-	R\$ 300,00
Total	-	R\$ 2.439,00

REFERÊNCIAS

BAURET, Gabriel. **A Fotografia: histórias, estilos, tendências, aplicações**. Lisboa: Edições 70, 2000.

BÉNARD, André. Elementos para reflexão sobre uma prática corporal específica. **Repertório: teatro & dança**, ano 4, n. 5, p.58-62, 2001.

BITTAR, Adriano Jabur. **Hibridismo e Interfaces: o estudo de células corporais para o dançarino de uma partitura coreográfica contemporânea**. 2005. Dissertação (Mestrado em Artes Cênicas) - Escolas de Teatro e Dança, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

BORJA, Larissa de Sá Adami. **O corpo multi em seu maior desafio: a contemporaneidade**. 2003. Monografia (Curso em Estudos Contemporâneos em Dança) - Escola de Dança, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

CAMARGO, Lúcio. Um Banho de Sol - Análise de uma fotografia de Edward Weston: Nude, 1936. Disponível em: <<http://www.studium.iar.unicamp.br/12/6.html> stadium =2.html. Acesso em: dez. 2005.

DUBOIS, Philippe. **O ato fotográfico e outros ensaios**. Campinas: Papirus, 1994.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. 1. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.

FOTOGRAFIA. Idealizado por Cristina Oka e Afonso Roperto. Disponível em: <http://www.cotianet.com.br/photo/great/Ed_Weston_.htm>. Acesso em: dez. 2005.

GOMES, P. **Da escrita a imagem: da fotografia à subjetividade**. 1996. Projeto de dissertação de mestrado - Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

GREINER, Christine. **O corpo: pistas para estudos indisciplinados**. São Paulo: Annablume, 2005.

JEUDY, Henri-Pierre. **O corpo como objeto de arte**. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.

<http://mapplethorpe.hit.bg/index1.htm>, Acesso em; dez. 2005.

MORRISROE, Patricia. **Mapplethorpe: uma biografia**. Rio de Janeiro: Record, 1996.

SENAC. DN. **Fotógrafo: o olhar, a técnica e o trabalho**. São Paulo: Ed. Senac Nacional, 2004.

SCHAEFFER, Jean-Marie. **A imagem precária: Sobre o dispositivo fotográfico**. Campinas: Papirus, 1996.

SÉPIA: arte e estética. Disponível em: <http://sepia.no.sapo.pt/sepiafot_c.html>. Acesso em: setembro de 2006.

WESTON, Cole. The Edward Weston / Cole Weston family website. Disponível em: <<http://www.edward-weston.com/>>. Acesso em: dez.e 2005.

BIBLIOGRAFIA

ADAMS, Ansel. **A Câmera**. São Paulo: Ed. SENAC São Paulo, 2000.

ARCARI, Antonio. **A Fotografia: as formas os objetos, o homem**. Lisboa: Edições 70, 1983.

ARTCYCLOPEDIA. Disponível em: <http://www.artcyclopedia.com/artists/mapplethorpe_robert.html>. Acesso em: dez. 2005.

BOOTH, W. et al. Fazendo Perguntas, Encontrando Respostas. In: **A arte da pesquisa**. São Paulo: Martins Fontes, 2000. p. 35-83.

BOOTH, W. et al. Pesquisa, Pesquisador e Leitores. In: **A arte da pesquisa**. São Paulo: Martins Fontes, 2000. p. 1-31.

BRAGA, José Luiz. **O Problema de Pesquisa - Como começar**. Disponível em: <http://www.comunica.unisinos.br/pos/_apoio/item1/7.pdf>. Acesso em: setembro de 2006.

BRAGA, José Luiz. **Planejamento de Observação**. Disponível em: <http://www.comunica.unisinos.br/pos/_apoio/item1/6.pdf>. Acesso em: agosto de 2006.

BRAGA, José Luiz. **Relações da Teoria com Projetos de Pesquisa**. Disponível em: <http://www.comunica.unisinos.br/pos/_apoio/item1/4.pdf>. Acesso em: agosto de 2006.

CRAVO NETO, Mario. **Mário Cravo Neto**. Salvador: Áries, 1991.

FREEMAN, Michael. **Manual de Fotografia Digital - Retrato Fotográfico**. Lisboa: Contralivros, 2005.

HALL, Stuart. **A identidade Cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

MACHADO, Arlindo. **A ilusão especular: introdução à fotografia**. São Paulo: Brasiliense, 1984;

MASTERS OF PHOTOGRAPHY. Disponível em: <<http://www.masters-of-photography.com>>. Acesso em: dez. 2005.

PIMENTEL, Ludimila Cecilina Martinez. **Corpos e bits: Linhas de hibridação entre dança e novas tecnologias**. 2000. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

ROBERT MAPPLETHORPE FOUNDATION. Site oficial de Robert Mapplethorpe. Disponível em: <<http://www.mapplethorpe.org/>>. Acesso em: dez. 2005.

SOUGEZ, M.L. **História da Fotografia**. Lisboa: Dinalivro, 2001.

ANEXOS

SOBRE MARIO CRAVO NETO

Mário Cravo Neto nasceu em 20 de abril de 1947, na cidade de Salvador (BA), onde vive e trabalha. Iniciou seus primeiros trabalhos com esculturas e fotografia aos 17 anos. Em 1968, muda-se para New York para estudar na Art Student League sob a orientação do artista plástico Jack Krueger, um dos precursores da arte conceitual em New York. Este período de dois anos foi de importância fundamental para o delineamento de sua vida futura como homem e artista. São desta época, as séries de fotografias em cores intituladas "On the Subway" e as fotografias em preto e branco relacionadas ao aspecto da solidão humana na grande metrópole. Retorna ao Brasil em 1970 e pela primeira vez mostra na IX Bienal Internacional de São Paulo a instalação de esculturas vivas realizada em New York. Devido ao acidente automobilístico em 1975, Mario Cravo Neto interrompe a sua atividade profissional. Após o período de um ano de convalescença e, impedido de dar continuidade às suas pesquisas anteriores, direciona a sua atenção para a fotografia de estúdio. É desta fase a continuidade do trabalho que o artista vem mostrando no Brasil e no exterior.

Assim como Edward Weston e Robert Mapplethorpe, Mário trabalha muito com pessoas do seu cotidiano, do seu ambiente doméstico e utiliza o corte inusitado. O estudo da anatomia do corpo é outro ponto em comum com o trabalho de Mapplethorpe.

Vários grandes nomes da fotografia já realizaram trabalhos em estúdio que são reconhecidos até a atualidade. Muitos outros já tomaram os corpos humanos como fonte de inspiração. Mas cada um desses artistas conseguiu imprimir sua marca e criou uma forma própria de mostrar o mundo. Mario Cravo Neto é um deles, trabalhando com o espaço, a luz difusa e a maneira de destacar os corpos em relevo. Mario Cravo Neto é um artista que muito contribuiu para a fotografia na Bahia e no Brasil.

TEXTO DE MARIO CRAVO NETO

"As fotografias de *Marina Silva* possuem uma espécie de mistério revelado que nos aproxima de coisas que normalmente não estamos acostumados a vivenciar. Suas fotografias de corpos não são essencialmente humanos embora estes sirvam como modelos - o que temos aqui são relevos apropriados de um corpo efêmero, onde brota um novo personagem.

Gostaria de antecipar que a sensibilidade visual da jovem artista, é uma espécie de *gift* que pertence a poucos e ao mesmo tempo é parte de um universo maior - a família dos artistas - aqueles que por vezes oferecem aos outros indivíduos uma forma inusitada de expressão."

Mario Cravo Neto, em outubro de 2006.

TEXTO DE APRESENTAÇÃO

COPO REVELADO

FOTOGRAFIAS DE MARINA SILVA

É muito bom encontrar pessoas de talento e que se propõem desde o início da carreira, a não se deixar levar pelo banal ou pela tentação de produzir coisas capazes de agradar a todo custo. Para mim, foi extremamente gratificante conhecer o trabalho produzido por Marina Silva, uma jovem estudante do curso de Comunicação Social/Jornalismo da Universidade Federal da Bahia que está realizando a sua primeira exposição individual, resultado de um projeto de conclusão do seu curso de graduação.

O tema escolhido foi o corpo e a inspiração, os trabalhos dos fotógrafos Edward Weston e Robert Mapplethorpe. Uma tarefa difícil que Marina soube solucionar de forma muito mais que satisfatória. Com eficiência técnica e sensibilidade a flor da pele.

Em todas as 17 fotos que compõem a exposição Corpo Revelado, podem ser observados os cuidados e o interesse da fotografa em buscar volumes, nuances e detalhes para construir imagens fortes e cercadas de mistérios. Mistérios que despertam em cada observador, idéias e visões ambíguas, maiores ou menores, a depender do poder de imaginação. Com certeza, é impossível ficar indiferente.

Como será que se sentiram os donos dos corpos ao verem os resultados das suas poses? Certamente, tão encantado como todos nós, diante de tantas possibilidades e do raro poder de imaginação. **O bom trabalho é exatamente aquele que leva o espectador à reflexão. Não exatamente à necessidade de descobrir o que está ali representado, mas, sabendo o que está ali representado, participar da viagem do autor.**

Salvador, 15 de novembro de 2006

Justino Marinho, crítico de arte

CONVITE IMPRESSO

A SECRETARIA DA CULTURA E TURISMO DO ESTADO DA BAHIA,
ATRAVÉS DO INSTITUTO DO PATRIMÔNIO ARTÍSTICO E CULTURAL DA
BAHIA – IPAC, CONVIDA PARA A ABERTURA DA EXPOSIÇÃO:



GALERIA SOLAR FERRÃO

Abertura: **22 de novembro**, quarta-feira, das 19h às 21h.

Exposição: de 22 a 29 de novembro de 2006.

Visitação: de segunda a sexta, das 13h às 18h, e sábado, das 13h às 17h.

Rua Gregório de Mattos, 45. Pelourinho, Salvador, Bahia. Tel: (71) 3117-6380

<http://corporevelado.blogspot.com>



labfoto

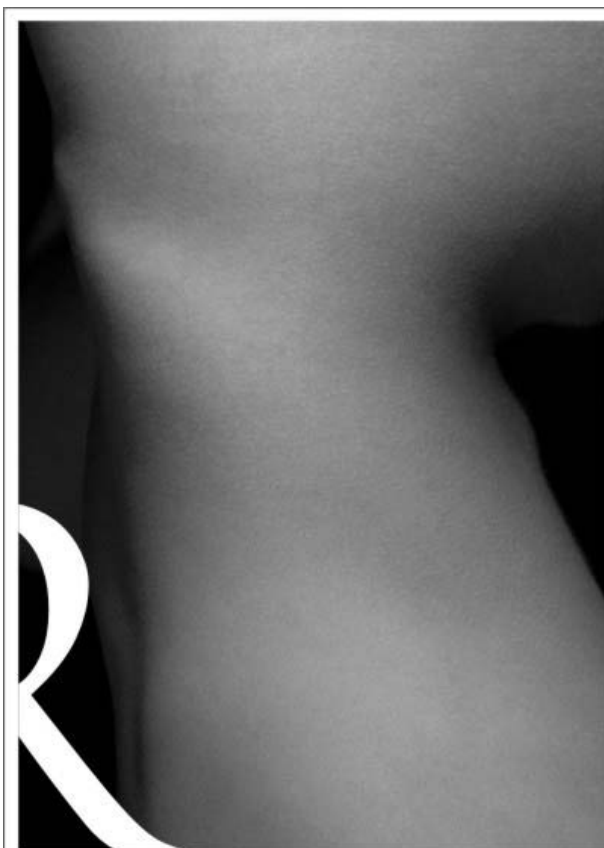
papayaDESIGN

POSTAL E LOGOMARCA DA EXPOSIÇÃO



CORPO
REVELADO
FOTOGRAFIAS DE MARINA SILVA

CONVITE VIRTUAL



CORPO REVELADO

FOTOGRAFIAS DE MARINA SILVA

GALERIA SOLAR FERRÃO

22 de novembro, quarta-feira, das 19h às 21h.

Exposição: de 22 a 29 de novembro de 2006.

Visitação: de segunda a sexta, das 13h às 18h,
e sábado, das 13h às 17h.

Rua Gregório de Mattos, 45. Pelourinho, Salvador, Bahia.

Tel: (71) 3117-6380

<http://corporevelado.blogspot.com>



GOVERNO
DA BAHIA
SECRETARIA DE CULTURA
E TURISMO



labfoto

papayaDESIGN

URANUS

CARTAZ



CORPO REVELADO

FOTOGRAFIAS DE MARINA SILVA

GALERIA SOLAR FERRÃO

22 de novembro, quarta-feira, das 19h às 21h.
Exposição: de 22 a 29 de novembro de 2006.
Visitação: de segunda a sexta, das 13h às 18h,
e sábado, das 13h às 17h.



labfoto

papayaDESIGN

Rua Gregório de Mattos, 45
Pelourinho, Salvador, Bahia.
Tel: (71) 3117-6380

<http://corporevelado.blogspot.com>

RELAÇÃO DE ESPAÇOS VISITADOS À PROCURA DE PAUTA

Saladearte Cine XIV

Rua Frei Vicente, 12/14
Pelourinho

Saladearte Cinema do Museu

Avenida Sete de Setembro, 2195
(Museu Geológico) - Corredor da Vitória

Teatro ACBEU

Av. Sete de Setembro, 183
Corredor da Vitória

Teatro XVIII

Rua Frei Vicente, 18
Pelourinho

Teatro Vila Velha

Passeio Público
Campo Grande

Museu de Arte da Bahia

Av. Sete de Setembro, 2340
Corredor da Vitória

Museu de Arte Moderna da Bahia

Av. Contorno
Solar do Unhão

Museu da Cidade

Largo do Pelourinho

Teatro Gregório de Mattos - Galeria da Cidade

Praça Castro Alves, s/nº
Centro

Museu Eugênio Teixeira Leal / Memorial do Banco Econômico

Rua J. Castro Ribeiro, 01
Pelourinho

Centro de Memória e Cultura dos Correios

Praça Anchieta, 20
Pelourinho

Galeria do Conselho

Av. Sete de Setembro, 1330
(Anexo Palácio da Aclamação)
Campo Grande

Galeria Cañizares

Avenida Araújo Pinho, 212
Canela

Galeria Pierre Verger

Rua General Labatut, 27
Barris

Galeria Solar Ferrão

Rua Gregório de Mattos, 45
Pelourinho

Instituto Cultural Brasil Alemanha - ICBA

Av. Sete de Setembro, 1809
Corredor da Vitória

Aliança Francesa de Salvador

Av. Sete de Setembro, 401
Ladeira da Barra

Casa do Benin

Rua Santo Agostinho, 17
Pelourinho

Conjunto Cultural da Caixa

Rua Carlos Gomes, 57
Centro

RELEASE PRINCIPAL

Exposição traz Corpo Revelado para o Solar Ferrão

Trabalho revela formas inusitadas em fotos de corpos humanos

A exposição *Corpo Revelado* marca a estréia da jovem fotógrafa *Marina Silva*. São 17 fotografias que revelam formas muitas vezes imperceptíveis a um olhar desatento. A abertura no próximo dia 22 de novembro, às 19hs, na Galeria Solar Ferrão, será a primeira oportunidade para descobrir os corpos que se insinuam entre a luz e a sombra neste trabalho.

As imagens da mostra foram selecionadas pelo fotógrafo *Mario Cravo Neto*, que se encantou com o "mistério revelado" pelo trabalho de Marina. "São relevos apropriados de um corpo efêmero, onde brota um novo personagem". O fotógrafo considera a sensibilidade visual de Marina um "presente" pertencente à família dos artistas. "Aqueles que por vezes oferecem aos outros indivíduos uma forma inusitada de expressão", explica.

O tópico da exposição surgiu do mistério atribuído ao corpo pela infinidade de suas representações. O ponto fortemente explorado é o treino do olhar e a criatividade na busca constante pelo estranho, captando nuances e valorizando formas e relevos. O resultado são detalhes que emergem e se insinuam para um olhar que os decifrem, compondo um todo através da imaginação.

A exposição *Corpo Revelado* faz parte do trabalho de conclusão de curso de Marina Silva na Faculdade de Comunicação da UFBA, sob a orientação do professor e fotógrafo José Mamede. Foram meses de pesquisa que resultaram em um ensaio inédito dentro da Faculdade, primeiro trabalho de estúdio feito para a graduação.

Corpo Revelado estará aberto à visitação até o dia 29/11. A Galeria Solar Ferrão está situada em um casarão do século XVII, na rua Gregório de Mattos, nas proximidades do Largo do Pelourinho.

Exposição: *Corpo Revelado*

Local: *Galeria Solar Ferrão*

Endereço: *Rua Gregório de Mattos, 45, Pelourinho*

Abertura: *22 de novembro, às 19h*

Visitação: *de 22 a 29 de novembro, das 13h às 18h*

Informações: 3321-6155

Contatos: Marina Silva - 8882 5038/ 3356 5038 - marinnasilva@gmail.com

MÍDIA

O release da exposição Corpo Revelado foi enviado aos principais jornais e sites de Salvador. O material foi publicado em vários sites, alguns citados a seguir. Também foi divulgado como destaque do roteiro de cultura do jornal Correio da Bahia no dia 22/11/2006, no roteiro do Caderno 10 do jornal A Tarde de 21/11/2006, além de ter sido publicada uma nota e uma matéria no Caderno2 do mesmo jornal nos dias 22 e 23/11/2006, respectivamente. Na televisão, foi divulgada na chamada do Bahia Acontece da TV Bahia, maior rede de televisão do estado.

Alguns exemplos seguem abaixo:

1) A Tarde - BA

23/11/2006 - 12:59

http://www.intercidadania.net/noticia.kmf?noticia=5494031&canal=53&total=5061&in_dice=0

A Fotógrafa baiana Marina Silva estréia com corpo revelado

Além de iniciar a carreira tendo famoso fotógrafo baiano por perto, Marina tem outras duas grandes influências: os norte-americanos Edward Weston e Robert Mapplethorpe

Márcia Ferreira Luz

A fotografia em Salvador ganha mais um nome feminino: Marina Silva, que dá os primeiros passos profissionais com o aval do veterano Mario Cravo Neto. Ela exhibe 17 imagens, em preto e branco, em Corpo Revelado, mostra em cartaz na Galeria Solar Ferrão, no Pelourinho, até o dia 29. São registros do corpo humano, que aparece nu em contrastes de luz e sob ângulos, formas e relevos, na maioria das vezes, imperceptíveis ao olhar apressado do cotidiano.

A exposição é resultado do trabalho de conclusão do curso de comunicação social da Universidade Federal da Bahia, orientado pelo professor José Mamede, também fotógrafo. Por recomendação do mestre, Marina decidiu apresentar as fotografias para Mario Cravo Neto. Ele gostou tanto da produção que selecionou as imagens que entrariam na mostra e ainda escreveu um texto de apresentação da nova artista. Na opinião de Cravo, o trabalho de Marina pode ser considerado um verdadeiro "presente" para outros artistas e, também, para o público.

Mistério – "As fotografias de Marina Silva possuem uma espécie de mistério revelado que nos aproxima de coisas que normalmente não estamos acostumados a vivenciar.

Nas fotografias, os corpos não são essencialmente humanos, embora estes sirvam como modelo – o que temos aqui são relevos apropriados de um corpo efêmero, onde brota um novo personagem", define o fotógrafo Mario Cravo Neto.

O tamanho das fotografias varia de 50 cm x 50 cm a 50 cm x 75 cm e elas poderão ser vistas somente até o dia 29, pois, como a galeria trabalha com uma pauta anual, foi difícil encaixar a mostra por um tempo maior. No entanto, há possibilidade de voltar a cartaz no próximo ano. Mas isso é plano para o futuro. "Estou começando agora", frisa Marina, 24 anos.

A admiração e a troca de idéias entre a jovem fotógrafa e o experiente Cravo não acabam com a exposição. Ela conta que tem aprendido muito nas conversas com ele com as dicas técnicas recebidas. Afinidade entre os dois nasceu do fato de que Marina escolheu trabalhar as imagens em estúdio e Mario Cravo Neto é um dos fotógrafos que melhor utiliza esse método de produção na Bahia.

Além de iniciar a carreira tendo famoso fotógrafo baiano por perto, Marina tem outras duas grandes influências: os norte-americanos Edward Weston e Robert Mapplethorpe.

A elaboração do projeto de conclusão de curso consumiu alguns meses de pesquisa e foi finalizado com um ensaio inédito na faculdade, o primeiro trabalho de estúdio feito para a graduação.

Busca – A escolha do corpo como tema representa para Marina Silva uma busca inesgotável e isso a instiga bastante. Nas imagens, surgem detalhes do corpo que não traduzem somente o estético-artístico, mas sugerem o nu como matéria fotográfica. "O corpo humano guarda um mistério que jamais se esgotará, com uma infinidade de formas e atributos táteis, cor e volume. Essa particularidade estimula a busca pela criação de novas representações", considera a fotógrafa. Por meio das imagens, ela compartilha tal busca com o espectador.

Revelação – As imagens não são óbvias, mas insinuações entre a luz e a sombra que pedem um olhar de curiosidade para que se definam. Trata-se de um exercício de olhar, decifrar e captar o estranho e novas nuances. O efeito é gerado pelos ângulos utilizados por ela. Aí, reside o mistério ao qual Mário Cravo se referiu no comentário. É

como se a imagem se mostrasse apenas para quem quer vê-la.

Corpo Revelado | Mostra fotográfica de Marina Silva | Seg a sex, das 13h às 18h; sáb, das 13h às 17h. Até o dia 29 | Galeria Solar Ferrão (3321-6155 / blog: www.corporevelado.blogspot.com) R. Gregório de Mattos, 45, Pelourinho | Entrada franca.

2) IBAHIA.COM

Terça, 21/11/2006

D:\MARINA GERAL\Projeto\divulgação\midia\iBahia_com - O Portal da Rede Bahia.htm



Evento: Corpo Revelado

Data: 22/11/2006 a 29/11/2006

Local: Galeria Solar Ferrão

Endereço: Rua Gregório de Matos 45

Horário: Todos os dias das 13h às 18h

Valor: Entrada franca

Mais Informações:

A exposição Corpo Revelado marca a estréia da jovem fotógrafa Marina Silva. São 17 fotografias que revelam formas muitas vezes imperceptíveis a um olhar desatento. A abertura no próximo dia 22 de novembro, às 19hs, na Galeria Solar Ferrão, será a primeira oportunidade para descobrir os corpos que se insinuam entre a luz e a sombra neste trabalho.

As imagens da mostra foram selecionadas pelo fotógrafo Mario Cravo Neto, que se encantou com o "mistério revelado" pelo trabalho de Marina. "São relevos apropriados de um corpo efêmero, onde brota um novo personagem". O fotógrafo considera a sensibilidade visual de Marina um "presente" pertencente à família dos artistas. "Aqueles que por vezes oferecem aos outros indivíduos uma forma inusitada de expressão", explica.

O tópico da exposição surgiu do mistério atribuído ao corpo pela infinidade de suas representações. O ponto fortemente explorado é o treino do olhar e a criatividade

na busca constante pelo estranho, captando nuances e valorizando formas e relevos. O resultado são detalhes que emergem e se insinuam para um olhar que os decifrem, compondo um todo através da imaginação.

A exposição *Corpo Revelado* faz parte do trabalho de conclusão de curso de Marina Silva na Faculdade de Comunicação da UFBA, sob a orientação do professor e fotógrafo José Mamede. Foram meses de pesquisa que resultaram em um ensaio inédito dentro da Faculdade, primeiro trabalho de estúdio feito para a graduação.

3) LABFOTO

12/11/06

www.labfoto.ufba.br

Exposição traz *Corpo Revelado* para o Solar Ferrão

Trabalho revela formas inusitadas em fotos de corpos humanos



A exposição **Corpo Revelado** marca a estréia da jovem fotógrafa **Marina Silva**. São 17 fotografias que revelam formas muitas vezes imperceptíveis a um olhar desatento. A abertura no próximo **dia 22 de novembro**, às **19hs**, na **galeria Solar Ferrão**, será a primeira oportunidade para descobrir os corpos que se insinuam entre a luz e a sombra neste trabalho. “As fotografias de Marina Silva possuem uma espécie de mistério revelado que nos aproxima de coisas que normalmente não estamos acostumados a vivenciar”, analisa o fotógrafo **Mario Cravo Neto**, que selecionou as imagens apresentadas na mostra.

O tópico da exposição surgiu do mistério atribuído ao corpo pela infinidade de suas representações. O ponto fortemente explorado é o treino do olhar e a criatividade na busca constante pelo estranho, captando nuances e valorizando formas e relevos. O resultado são detalhes que emergem e se insinuam para um olhar que os decifrem, compondo um todo através da imaginação.

A exposição Corpo Revelado faz parte do trabalho de conclusão de curso de Marina Silva na Faculdade de Comunicação da UFBA, sob a orientação do professor e fotógrafo **José Mamede**. Foram meses de pesquisa que resultaram em um ensaio inédito dentro da Faculdade, primeiro trabalho de estúdio feito para a graduação.

Corpo Revelado estará aberto a visitação até o dia 29/11. A Galeria Solar Ferrão está situada em um casarão do século XVII, na rua Gregório de Mattos, nas proximidades do Largo do Pelourinho.

Corpo Revelado

Local: Galeria Solar Ferrão

Endereço: Rua Gregório de Mattos, 45, Pelourinho

Abertura: 22 de novembro, às 19h

Visitação: de 22 a 29 de novembro, das 13h às 18h.

Informações: 3321-6155 / 88825038 ou pelo site Corpo Revelado

4) Jornal A Tarde

23/11/2006



